

A novelística nos Anais de Tácito: uma visão de Ricardo Nobre

Enviado em
10/06/2012
Aprovado em
09/07/2012

João Victor Lanna de Freitas^{1*}

Graduando pela Universidade Federal de Ouro Preto e bolsista PIBIC/CNPQ.
joao.victor.lanna26@gmail.com

Lucas Almeida de Souza^{2**}

Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto.
lucasas_his@yahoo.com

110

NOBRE, Ricardo. *Intrigas palacianas nos Annales de Tácito: tentativas e processos de obtenção de poder no principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 2010.

Nosso objetivo é resenhar, de modo descritivo e conciso, a tese de mestrado publicada em 2010 pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: “Intrigas Palacianas nos *Annales* de Tácito” de Ricardo Nobre que foi orientada pela Prof. Dra. Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. A tese defendida em 2008 foi examinada pelo Prof. Dr. Francisco de Oliveira. Contudo, de 2008 a 2010 a dissertação sofreu algumas alterações tanto no âmbito bibliográfico quanto na forma de escrita. A primeira mudança é resultado de uma atualização bibliográfica pela reedição da obra *The Cambridge Companion to Tacitus*, feita pelo renomado historiador de estudos latinos A.J. Woodman. Além disso, fora cuidadosamente revisada pelos professores Ana Filipa Silva e J. Filipe Ressurreição, que corrigiram alguns erros gramaticais e repetições de orações, tornando a leitura da dissertação mais fluída e direta.

Na introdução, Ricardo Nobre disserta sobre a habilidade de Tácito como

1 * Membro do Laboratório de Estudos Sobre o Império Romano, coordenado pelos professores Dr. Fábio Faversoni e Dr. Fábio Joly.

2 ** Membro do Laboratório de Estudos Sobre o Império Romano, coordenado pelos professores Dr. Fábio Faversoni e Dr. Fábio Joly.

escritor, o que lhe permitiu criar uma narrativa histórica com todos os componentes necessários ao dinamismo de um romance literário. A concisão do latim usado pelo historiador contribuiu para obscurecer o discurso e dar um maior valor semântico para a construção do relato.

Enquanto os gregos foram os responsáveis por eliminar, enquanto possível, as “coisas divinas” da narrativa histórica através do discurso de Heródoto, ou de dar à historiografia antiga rigor, erudição e imparcialidade com o objeto, através de Tucídides, os romanos dotaram a escrita da história de pragmatismo e a deram um sentido menos filosófico e mais voltado a *práxis*, a historiografia romana tinha um caráter muito mais pedagógico que a helenística. O estilo de Tácito, segundo Nobre, está relacionado justamente com o objetivo dessa história, chamada de *magistra uitae*, que tinha, entre outros aspectos, o dever de ensinar, de expor os bons e os maus exemplos. Essa era a concepção que os antigos tinham da História, lembrar dos erros e acertos do passado, para que os mesmos sejam uma referência aos problemas futuros. O domínio da história de forma complementar ao domínio da retórica concedia poder aos homens, pois estes tinham a *auctoritas* dos antigos ao seu lado.

Já no primeiro capítulo *Construção das Fronteiras da Instituição Literária: Tácito, Literatura e História*, Ricardo Nobre problematiza a concepção de História para os antigos e os artificios literários que são expostos na historiografia como mecanismos de retórica. Durante o capítulo o Autor trata, também, da concepção da História como ciência, indagando sobre suas práticas e metodologias.

111

Nobre expõe a História como algo indissolúvel ao historiador, sendo sujeita a elementos que o mesmo utiliza para descrever certa experiência histórica. A isso se agrupa a construção do texto, a sua experiência de tempo e espaço. Partindo dessa perspectiva, afirma que a História e a Literatura, podem não apenas interagir entre si, mas também se misturar, já que, por diversas vezes, uma agrupa elementos da outra. Sobre esse ponto o autor dá o exemplo de como a estética e o desvio da mesma estão ligadas diretamente a movimentos históricos importantes.

Essa diversificação estilística está presente nos relatos antigos como forma de dinamizar e diferenciar uma narrativa retórica. A História, escrita em latim, tem um caráter novelístico muito maior do que a historiografia grega, mais epistemológica e técnica. Sobre isso o latinista português afirma que a História tinha como dever auxiliar a retórica, assim, conseqüentemente tinha de ser contada de forma que atraísse cada vez mais os ouvintes, impedindo-os de ficar entediados. Dessa forma, Nobre afirma que o papel ficcional da historiografia latina está diretamente ligado com as propriedades retóricas da mesma, a fim de proporcionar ao leitor algum prazer na leitura.

No segundo capítulo, *Augustae Conscientia, Caesaris Favor*, Ricardo Nobre foca-se em analisar as intrigas palacianas e as relações de poderes dentro da

Domus Caesaris. O principal motivo destas discórdias é o problema de sucessão de Augusto, já que ele não teve nenhum filho homem. Com isso, há um jogo de interesses entre seus sobrinhos, sobrinhos-netos, enteados e até mesmo seus amigos, no caso Agripa. A apresentação destes personagens nos Anais de Tácito é construída a partir do livro I.3.I. Augusto confia-lhes importantes cargos políticos, com a finalidade de reforçar sua autoridade e influência em Roma. Assim, o *princeps* tenta manter a paz perante as facções inimigas encarregando personagens como Marcelo, Agripa, Tibério, Druso, Gaio e Lúcio de funções militares de apoio, como Ricardo Nobre argumenta: “são os *subsidia dominationi*. O termo *subsidium* remete para um contexto militar, no sentido de ‘tropas colocadas de reserva’, donde evolui para ‘suporte, ajuda’. Por isso, para Augusto manter a *pax* precisa de apoio reserva”. (NOBRE, 2010: 51).

Para Ricardo Nobre um mecanismo utilizado nos escritos taciteanos são as isotopias de construção de uma imagem, ou seja, simuladores de aparência planejados em sua narrativa que descrevem o principado de Tibério: a corrupção, as tentativas de obtenção de poder por meio de intrigas e etc.. De acordo com Nobre o estabelecimento de uma modelo retórico elaborado no governo de Augusto foi uma ferramenta importante, tanto para construir boas imagens dos personagens, quanto para eliminar a concorrência política e militar presente em seu reinado. O principal objetivo deste modelo narrativo-retórico era seduzir os diversos setores da sociedade, conquistando assim um apoio generalizado e auferindo uma total ausência de oposição política e militar.

A construção de imagens marca não só a personalidade dos *principes*, mas também dos outros personagens da narrativa taciteana. Isso porque, ao se concentrar o poder nas mãos de um só homem, vemos o Império fundir-se à personalidade desse homem. Assim, a ascensão política e argentária de qualquer cidadão ou não-cidadão, dentro do mundo romano, está diretamente ligada à proximidade que o mesmo tem com a *domus Caesaris*. Mesmo ao falarmos das conspirações durante a obra, vemos em Tibério e Lúvia Augusta, Sejano ou em Agripina, por exemplo, indivíduos que conquistaram a *benevolentia* do *princeps* como forma de acúmulo de poder para satisfazer suas pretensões.

Já o terceiro e último capítulo, *Continuae Accusationes, Fallaces Amicitiae*, Ricardo Nobre demonstra a degradação psicológica de Tibério elaborada por Tácito em sua narrativa, sobretudo os medos e paranóias ligadas à política e conspirações em seu governo. O capítulo trata principalmente da influência política e psicológica de personagens como Sejano, prefeito da guarda imperial e braço direito de Tibério, que influenciavam e manipulavam a política romana, fazendo dos imperadores (em alguns casos), apenas fantoches políticos. Deste modo, a política no império funcionaria bem, se o ciclo de amizades do *princeps* fosse unificado e com interesses comuns sob o *princeps*.

Assim, Nobre destaca que quando Sejano adquire a *benevolentia* de Tibério, a política imperial se desestrutura. O autor procura, através de uma análise das acusações de Libão Druso, Tício Sabino e Cremúcio Cordo, explicar o aumento da degradação psicológica do próprio Tibério, agravada posteriormente pela morte de seu filho, Druso, e o fruto das intrigas de Sejano. O autor contemporâneo do Imperador destaca na morte de Druso, o papel de sua mulher, Lívía Júlia, que ajuda Sejano a envenenar o marido. Vemos assim que fica explícito o conservadorismo das ideias de Tácito, quando reprovou a participação feminina no jogo político, deixando-nos a impressão que tais ações só contribuíram para desestruturar o governo e mostrar a falência dos costumes romanos.

Ao fim do terceiro capítulo achamos importante salientar o julgamento de Cremúcio Cordo relatado por Tácito: “foi acusado Cremúcio Cordo de um crime novo, e absolutamente desconhecido até aquele tempo; porque, tendo escrito e publicado uns Anais, fazia o elogio de Bruto, e denominava C. Cássio o último dos romanos”. (*Tac, Anais IV,34*). Tal julgamento em meio a tantas disputas políticas poderia passar despercebido a olhos desatentos, mas é extremamente importante para se entender as ideias de Tácito como um todo. O julgamento de Cordo é descrito no relato taciteano com certa denúncia e pessoalidade, já que a supressão da liberdade já tinha sido presenciada por Tácito durante o principado de Domiciano. (NOBRE, 2010: 176).

113

Dessa forma, podemos perceber no trabalho de Ricardo Nobre a ênfase que esse historiador dá ao modo que Tácito elabora sua narrativa. A obra resenhada se ampara em teorias muito discutidas e polemizadas nos dias atuais, baseadas em posturas como as de Hayden White e A.J Woodman, que qualificam a história como discurso narrativo, retirando da mesma a sua importância científica. (JOLY, 2003: 49). É visível no discurso de Ricardo Nobre, assim como no de Woodman, a relevância dada ao discurso retórico perante os aspectos políticos e sociais dos escritos taciteanos ao aceitarem que os antigos se preocupavam muito mais em buscar entreter o leitor, do que propriamente oferecer a esse, informações históricas. (WOODMAN, 1988)

Contudo, pensar num tipo de narrativa novelística em Tácito, não faz sentido sem compararmos os vários estilos encontrados (tais como: o panegírico, a apologética, o breviarismo, a síntese universal, a biografia e etc.) na narrativa antiga tanto em Tácito, quanto a outros historiadores que relatam o principado de Tibério: Veléio Patérculo; Plínio, o Velho; Suetônio; e Dião Cássio. Ou seja, pensarmos em uma unicidade estilística de qualquer autor na antiguidade é agirmos propriamente contra a denominação de historiografia antiga pensada em seu tempo e espaço, já que tais fronteiras não eram demarcadas pelos antigos.

Referências Bibliográficas

Fontes: edições das obras de Tácito

TÁCITO. *Anais*. Trad. J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, v. XXV)

TACITUS. *The Annals. Translated by A. J. Woodman*. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.

TACITUS. *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

Bibliografia

CARR, Edward Hallet. *Que é História?*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOLY, F. D. “História e retórica em Tácito”. In: LOPES, M. A. (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

_____. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004

MARQUES, J. B. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito. *Revista Aletheia*, v. 1, n. 1, p.1-11, 2008.

MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Trad. M. B. B. Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

NOBRE, Ricardo. *Intrigas palacianas nos Annales de Tácito: tentativas e processos de obtenção de poder no principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 2010.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a Imaginação Histórica do Século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

WOODMAN, A. J. “History and Alternative Histories: Tacitus”. In: *Rhetoric in Classical Historiography*. London and New York: Rutledge, 1988, pp. 160-196.

WOODMAN, A. J. “Introduction”. In: *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.

WOODMAN, A. J. *The Cambridge Companion to Tacitus*. Edited by A. J. Woodman. New York: Cambridge University Press, 2009.